



CONFRARIA DO
COPPO FURADO

Ipanema - Rio de Janeiro - Brasil
Criada em 13 de agosto de 1994

Unidos Beberemos! Sozinhos Também!

Protetor: São Benedito
Patrono: Tom Jobim

G O L E S & T R A G O S

Folha de Pingofilia da Confraria do Copo Furado

Ano I nº 4 - Setembro de 1995

A DEGUSTAÇÃO - Em latim, degusto, as, are, provar, gostar provando, tocar de leve. Degustatio, onis, prova de bebidas. Em italiano, degustare, o mesmo que assaggiare, beber em quantidade muito pequena, o suficiente para sentir o sabor. Degustazióne é o mesmo que l'assaporare, o saborear. Gusto traduz-se por preferência, inclinação, sabor, PRAZER. Eis o significado: prazer. O ato de degustar a aguardente de cana-de-açúcar pressupõe não apenas um apetite, uma sede para o sabor, mas, também, uma identidade cultural com o líquido a ser degustado. Pelo menos uma certa disponibilidade para si próprio, e para a única bebida destilada genuinamente brasileira. Tudo na direção do prazer. Há que se estar de bem consigo mesmo, namorando o seu universo de bens visíveis e invisíveis, culturalmente ajustado. A cachaça, mesmo que não seja envelhecida em barril a dequado, deve estar em garrafa deitada, sob condições constantes de luz e calor tropical ameno ou serrano. Nada de chaqualhações. O bouquet é cheiro mesmo. De engenho, alambique. Aspira-se e inspira-se molecamente, cariocamente. A boa cachaça não tem perfume disso ou daquilo, não tem que ter cheiro de álcool, de cravo, de canela, carvalho, odores naturais ou químicos que não sejam dela mesmo: cachaça pura e de qualidade tem de ter cheiro de bagaço de cana seco, curtido, pisado pelo burro. Cachaça não tem que ter cheiro de caldo de cana, melado ou pé-de-moleque. CACHAÇA TEM DE TER CHEIRO DE CACHAÇA, vinho de vinho, uísque de uísque. Cachaça não pode ter inhaca, como diz o povo, que são os cheiros estranhos à caninha. Após servir-se no pequeno cálice, copinho ou cuité, deixar a pinga descansar por um momento, tempo que ela respira, pois acaba de chegar a um novo mundo, mudar de útero. O gole é pequeno, lento, hedonista, p'ra inundar o língua repousada, o chão da boca (sem outros sabores prévios). Não, o céu da boca. A cana toca as glândulas salivares e gustativas. Nada de bochechos, como ocorre com certos vinhos. Estalar a língua é coreografia ruidosa pertinente, válida, hábito de gozo, molecagem sadia, manifestação que aprova. Engolir com a ajuda da língua, dente com dente, sem atritos, suavemente, percebendo toda a doce ardência da cachaça e seus imponderáveis e secretos sabores imediatos, indescritíveis. A cachaça não tem que ter gosto de madeira, daí porque prefiro as madeiras que passam pouco ou nenhum gosto e cor para a pinga, como os nobres e raros barris de amendoim, madeira em extinção. A pinga tem de "descer macia e sem raspar", como as excelentes de Paraty fazem há mais de 300 anos. Cachaça não tem que ter gosto de madeira, especiarias, frutas, cereais, nada disso. Aí já é garrafada, batida, misturas, mezinha, outra coisa. CACHAÇA TEM DE TER GOSTO DE CACHAÇA. Por isto prefiro as brancas, caldo de cana que foi fermentado, fervido, depois destilado em alambique de barro ou de cobre. Não "beliscar" logo, aguardar pelo menos 1 minuto, deixar que a pinga tome conta do corpo, invada a sensibilidade. Conversa dizer que todas as bebidas têm o mesmo efeito. Para mim, os efeitos da cachaça são os mais belos, os mais doces, os mais dignos, especialmente para pingófilos como eu, apaixonado por este país, seu povo e sua cultura, da qual a cachaça é uma das mais caras e sublimes expressões. Quanto às "conseqüências", a cachaça de qualidade é, de todas as bebidas alcoó-

licas, a mais saudável, culinariamente perfeita, a mais benfazeja e bem-aventurada criação dos primeiros brasileiros do século XVI. Nada de misturas. Com ela, somente água sem cloro e sem gás. Depois dela, água, suco de fruta, e, no máximo, uma cervejinha "p'ra lavar".

O DEGUSTADOR - Bebedor de pinga não é bebedor de uísque, de cerveja ou de vodka. A mídia tem a mania de convocar tais espécimes para provar e julgar cachaças. Nos bares, botecos, bodegas e botequins do País, nós temos excelentes bebedores de cachaça - e só de cachaça - pingófilos e cachaçólogos, inconscientes até, prontos a premiar, considerar e rejeitar as "santas e "marvadas". Quem aprecia uma boa cachaça, geralmente, prefere a cachaça. Pelo menos aqueles com a postura cultural do mister, com intenções degustativas, hedonistas e edênicas. O verdadeiro bebedor de cachaça, antes de tudo, é um sujeito que bebe com o coração e a memória. Sensível, artista ou com alma de artista, o chamado "profissional" é crítico e sereno. Além de nunca se embriagar - pecado mortal - ele se emociona quando degusta, umedece os olhos, recupera, propositadamente ou não, todas as impressões vividas, sabedorias e saudades. Mestre e aprendiz, ele pensa e sente sem precipitações, catilinárias ou postergações. Assenta no conhecimento e no prazer o seu ofício. A agudeza do seu paladar e a justiça do seu pronunciamento não são tecnicamente retilíneos, inexoráveis, cruéis, excludentes, absolutos. Ele digere, sonha, pondera e enuncia. E, nunca, irrecorrivelmente. Não é somente a química, a cor e o cheiro da cachaça que dão a palavra "final". A atmosfera que permeia a degustação - copo, móveis, pessoas, sons e cores - podem influenciar no julgamento, bem como a carga cultural que a própria pinga carrega: informações sobre ela, rótulo, recomendações etc. Assim, o degustador tem de estar liberto, atento e "sóbrio", em estado de graça, isto é, duas doses conscientes e responsáveis acima do normal, para não deixar que um desses fatores circunstanciais e relativos se transforme em determinismo tirânico ou em agente dissimulador. O degustador não é ciência, não é emoção, lágrima, poesia, sorriso e sentença. É tudo isto. É tudo isto e, acima disto, um namorado da cachaça, deve ter uma relação amorosa, afetiva e histórica com a cachaça, abandonar-se ante a sua magia e o seu fascínio que envolve todas as paisagens físicas e sentimentais da sua vida e do lugar onde vive ou viveu. Sem estes talentos, ele será, no máximo, um pinguço, um cachaceiro, que, em Paraty, chamam de "mala etílica".

MARCELO CÂMARA

(Textos escritos por provocação do JB)